



MEMÓRIAS ELETIVAS 12

EM BUSCA DE FRANCISCA MIQUELINA

Numa tarde de 1999, encoberta pelas brumas do passado, o poeta Paulo Bomfim vislumbrou, na condição de coordenador do Centro de Memória Eleitoral (Cemel), uma participação autoral sua na exposição que viria a ser inaugurada em 12 de agosto daquele ano. Instalado num pequeno espaço do 11º andar do prédio Brigadeiro, escreveu, quase que num transe mediúnico, de um fôlego só, o texto “A vizinhança do TRE”, no qual fez todas as conexões familiares possíveis com nomes das vias públicas ao redor da sede do TRE-SP, a começar, é claro, por Francisca Miquelina.

Alguns dias depois, convocou Zezinho (José D’Amico Bauab), servidor membro da comissão de constituição do Cemel, para uma busca: onde estaria enterrada Francisca Miquelina?

Seu primeiro palpite foi a Igreja das Chagas do Seráfico Pai São Francisco, construída em 1676 e ampliada no final do século XVIII. O poeta e seu escudeiro encontraram a igreja, situada no Largo São Francisco, fechada. Bateram na enorme porta, que não demorou a abrir-se. O funcionário, ao reconhecer o Poeta de São Paulo, logo se prontificou a levá-los ao jazigo, uma imponente sala funerária com as paredes repletas de gavetas, nenhuma delas, porém, com o nome de Francisca Miquelina.

Quase um quarto de século depois, aquele escudeiro, já com os cabelos nevados e sem o Poeta, resolveu refazer a visita, acompanhado, desta vez, pelas colegas Andreia de Moraes Soares, Cintia Takiguthi e Jéssica Albuquerque dos Santos Romão. O grupo foi fraternalmente recebido por dois notáveis membros da ordem franciscana secular responsável pelo templo, a senhora Maria Aparecida Crepaldi e o senhor Edmilson Soares dos Anjos, o qual conduziu os visitantes até o espaço das inumações para palestrar uma verdadeira aula sobre os personagens da velha Piratininga.

Ele apontou para o chão daquele quadrilátero e

disse que muitos membros daquela ordem estavam ali enterrados, entre os quais provavelmente Francisca Miquelina de Souza Queiroz (1803 – 1830) e seu pai, o Brigadeiro Luís Antônio de Souza Queiroz (1746 – 1819), mas não sua mãe, Dona Genebra de Barros Leite (1782 – 1836), falecida em Portugal. O Brigadeiro, a propósito, era português de nascimento e considerado o homem mais rico da então província de São Paulo à época. Filantropo, ele ajudara a construir a ampliação da igreja.

Francisca Miquelina casou-se, em 1817, com o primo Francisco Ignácio de Souza Queiroz, militar e político influente da época. Um de seus irmãos, Luís Antônio de Souza Barros (1809 – 1887), foi prefeito de São Paulo em 1835. Outro de seus irmãos, Vicente de Souza Queiroz (1813 – 1872), foi

o primeiro Barão de Limeira.

No final do século XIX, a Baronesa de Limeira, cunhada de Francisca Miquelina, doou terrenos de sua propriedade para que fossem abertos ao trânsito público com a condição de que as vias públicas daí surgidas recebessem nomes de seus familiares. Assim então, a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, a Rua Genebra, a Rua Maria Paula, a Rua Aguiar de Barros e... a Rua Francisca Miquelina.

Embora falecida ainda muito jovem, Francisca Miquelina certamente deixara muita saudade dentre os seus: uma neta sua, nascida

em 1850, recebeu seu nome, como também duas sobrinhas. Esse afeto familiar a ela remanesce, de certa forma, na rua onde o TRE paulista está situado desde 1970. E coube a Paulo Bomfim fazer aflorar a memória dessa histórica personagem tanto tempo depois.



Francisca Miquelina



Igreja das Chagas do Seráfico Pai São Francisco

*Jéssica Albuquerque dos Santos Romão
José D’Amico Bauab
Luiz Alexandre Kikuchi Negrão*